

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A biografia de Tiradentes na *História geral do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagen

Laura Nogueira Oliveira*

Resumo: O trabalho apresenta e analisa os *topoi* empregados por Varnhagen na construção de seu personagem Tiradentes, na *História geral do Brasil (HGB)*. Destaca-se que a tipologia varnhageniana do personagem histórico tem origem nas regras empregadas na composição dos gêneros epidítico e biográfico: Varnhagen imitava e emulava “auctores de vidas”, empregava os lugares-comuns próprios para os gêneros em questão e utilizava da censura para rebaixar o personagem histórico. Analisam-se o modo como Varnhagen construiu seu personagem histórico e as mudanças que ele realizou, da primeira para a segunda edição da *HGB*, na construção desse personagem.

Palavras-chaves: Varnhagen – retórica - Tiradentes.

Abstract: This study present and analyse the *topoi* employed by Varnhagen in the construction of his character Tiradentes in *História geral do Brasil (HGB)*. It is highlighted the fact that the varnhagenian typology of a historical character is originated in the compositional roles of epidic and biografic genres. Varnhagen imitated and emulated “life actors”, employed the appropriated commonplaces to these genres and employed reproach to demote the historical character. The analysis is focused on both the way in which Varnhagen construct his historical character and the shifts he made from first to second ediction of *HGB* related to Tiradentes’ figure.

Keywords: Varnhagen – rethorics - Tiradentes.

Na primeira edição da *HGB*, os atores históricos da conjuração ocorrida em Minas Gerais, em 1789, eram homens formados na Europa, que haviam incorporado os ideais de liberdade da independência das treze colônias americanas e que chegaram mesmo a conceber corretos e grandiosos planos para o país independente. Varnhagen faz questão de mencioná-los: Alvarenga Peixoto era homem de elevada instrução; Cláudio Manuel da Costa era advogado e poeta; Francisco de Paula Freire de Andrada era tenente-coronel comandante do regimento de linha de Vila Rica.

* Professora Cefet-MG; doutora em Literatura Comparada.

Na perspectiva de Varnhagen, tratava-se de uma conjuração da elite, de letrados e de poderosos, e nela Tiradentes era figura secundária. Foram os primeiros que fizeram “conferências” e decidiram o melhor dia para iniciar o movimento. Tiradentes pouco aparece em cena e é um agente sem voz ativa: ele apenas aparece obedecendo ordens daqueles que realmente pensavam e decidiam os rumos do movimento (VARNHAGEN, 1857: 273-274). Sua presença significativa só acontece no final do enredo, no fechar das cortinas quando, uma vez descoberta, a conspiração precisava ser punida exemplarmente e alguém deveria subir ao patíbulo. Então, por decisão dos juízes, e somente por isso, “Silva Xavier foi considerado cabeça”. Era um homem, segundo Varnhagen, “insignificante, indiscreto, pobre, sem respeito” e mesmo “louco”, que ganhou “a glória” graças ao “martírio”. A condenação feita pelos juízes deu a Tiradentes “méritos” que ele não possuía. Afinal, tratava-se de uma conspiração de “patrícios illustres” e não da plebe (VARNHAGEN, 1857: 279). Para o autor era fundamental que isso ficasse claro.

Na segunda edição da *HGB*, Varnhagen realizou uma enorme modificação no capítulo sobre a Conjuração Mineira: frases foram reescritas ou eliminadas, trechos cortados e outros inseridos. O historiador anunciou, no próprio capítulo, os grandes reajustes que fizera em seu texto. Reafirmava que o capítulo fora escrito respeitando estritamente o que se encontrava nas “informações oficiais enviadas à corte pelo próprio governador em ofício de 11 de Julho de 1789”, relativas ao caso. Anunciava agora, no capítulo reescrito, que se restringiria “aos depoimentos”¹ e que não se deixaria emaranhar “em pormenores que se contradizem, que escapam apenas lidos e que nada aproveitam à história”. Declarava, implicitamente, que errara na primeira versão do capítulo, porque inserira digressões que apenas dificultavam a fixação da atenção do leitor no essencial da narrativa. Era por isso que, afirmava, decidira “esmerar-se” e não “juntar muitos fatos”, limitando-os, para poder “apreciá-los devidamente”.²

Ele fez questão de destacar, na segunda versão, que suas assertivas eram fruto de reflexões feitas a partir da base documental e eram elas, afiançava, que lhe permitiram

¹ Segundo Rodrigues, Varnhagen transcreve, na segunda edição da *História geral*, um trecho, contido nos *Autos da Devassa*, no qual o alferes condenava o colonialismo português. O trecho seria o seguinte: “porque poderia assim suceder que esta terra se fizesse uma República e ficasse livre dos governos que só vêm cá ensopar-se com riquezas”. (RODRIGUES, 1988: 15, nota 25)

² Varnhagen referia-se a várias e longas considerações que fizera na primeira versão do texto e que foram retiradas em sua segunda edição. Varnhagen optara por não interromper o fio da narrativa com idéias que extrapolavam a preocupação central de seu texto (VARNHAGEN, 1857: 272-273, 278-279). As considerações de Varnhagen nos remetem aos ensinamentos de Quintiliano para quem, na construção de uma narrativa, o autor deveria se preocupar com a clareza de seu texto e, por isso, deveria evitar erros como a digressão. (Quintiliano apud. BARTHES, 1975: 201).

concluir, por exemplo, que Tomás Antônio Gonzaga, “não desejava que estalasse um rompimento” entre Brasil e Portugal; chega mesmo a duvidar que Gonzaga fora conspirador (VARNHAGEN, 1978: 310-311, v. 2).

Entretanto, toda a discussão que abria o capítulo visava a preparar o leitor, pois o que interessava ainda estava por vir, que era a conjuração, ela própria: “Liquidado esse ponto passaremos a ocupar-nos do assunto” (VARNHAGEN, 1978: 311, v. 2). O capítulo até mesmo mudara de título, passara de *Primeira conjuração em favor da independência do Brasil* a *Idéias e conluio em favor da independência em Minas*. Um “conluio” é uma conspiração, mas a palavra traz mais fortemente, em relação a “conjuração”, a imagem do desejo de lesar alguém com uma ação malévola e até mesmo diabólica. A troca do título do capítulo não foi gratuita e também ela já prenunciava o que viria.

Na segunda redação, Tiradentes deixou de ser um personagem coadjuvante para ocupar um papel central na narrativa. Varnhagen, jurando fidelidade aos documentos e protestando avaliá-los com imparcialidade, afirmava que tudo o que diria sobre Tiradentes era fruto de longa maturação. Não se tratava de visão apaixonada, mas de convicção formada a partir da apuração dos fatos, do estudo profundo e da imparcialidade no julgar. Com tudo isso, Varnhagen preparava o espírito do leitor para bem receber o longo trecho sobre Tiradentes: “Da careação, por nós pausada e refletidamente feita, de todos os depoimentos, resulta que, verdadeiramente, entre os vários que se conluíram, só um chegou a entusiasmar-se pela idéia da revolução: foi o mencionado alferes Silva Xavier (...)”.(VARNHAGEN, 1978: 311, v. 2)

O revoltoso mineiro era posto no centro do cenário porque fora o único a “verdadeiramente (...) entusiasmar-se pela idéia da revolução”, mas tratava-se agora de um conluio. A “alma” de Tiradentes fora atingida por uma “centelha” que “lavrou o incêndio por tal forma que não pôde mais apagar”; ele foi possuído por uma idéia “que o abrasava, subordinava tudo quanto via e ouvia”. Centelha, incêndio, abrasar, são palavras que trazem à memória a imagem maldita do fogo eterno: a idéia demoníaca de revolução dele se apoderara. A seqüência da narrativa amplificava a imagem: tão possuído se tornara ele, que perdera todo o controle sobre si mesmo e, “com uma leviandade e audácia inauditas para aquele tempo, a todos se propunha converter e angariar”. Imprudentemente, Tiradentes passara a “inventar” que outros países viriam ao socorro dos conjurados e que eles seriam apoiados por revoltosos da colônia; e “atrevidamente começou por ‘abordar’ o seu próprio comandante, o jovem tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrada”; e “tentou inutilmente aliciar a Cláudio”; e “foi ainda ele quem contribuiu a angariar o padre Carlos Correia de Toledo e

Melo, (...) e o distinto pregador Rodovalho, o opulento padre José da Silva de Oliveira Rolim”; e tudo isso ia ele fazendo “atacando a cada qual pelo respectivo lado fraco”. Tiradentes era a personificação do homem sem virtude: leviano, mentiroso, atrevido, corruptor de jovens, aliciador, aproveitador das fraquezas humanas. Mas não paravam aí as desvirtudes do revoltoso, porque “no auge do entusiasmo, obedecia o mesmo alferes, não só aos impulsos do patriotismo, como também aos da ambição” (VARNHAGEN, 1978: 312, v. 2).

Varnhagen empregava o recurso da amplificação para construir a imagem de Tiradentes: os adjetivos depreciativos eram somados, resultando em uma totalidade que era, contrariamente ao que ensina a matemática, muito maior que a simples soma das parcelas – que não restassem dúvidas: Tiradentes era, efetivamente, um homem sem valor.

E se o leitor imaginasse serem essas imperfeições de caráter provenientes da centelha que o atingira e o abrasara era preciso deixar claro: apenas os fracos se deixavam dominar e controlar. Varnhagen então constrói uma biografia de Tiradentes: ele começara a vida por “aplicar-se à profissão de dentista, em que chegou a ser hábil” e que lhe valeu “o ser denominado ‘Tiradentes’.” Essa foi a única atividade a que se dedicou e na qual foi bem sucedido. Varnhagen lembrava que, entretanto, essa profissão era então considerada tão desonrosa³ que, posteriormente, tornou-se um impeditivo para novas promoções na carreira militar: “Vendo-se por vezes preterido [na promoção], o que ele candidamente acreditava provir de falta de proteção, e devemos antes hoje atribuir à ‘desrecomendação’ que seria para ele o geral conceito de ser um ‘hábil tiradentes’ (...)” (VARNHAGEN, 1978: 312-313, v. 2).

Varnhagen continua, então, a enumerar os fracassos de Silva Xavier, ao longo da vida: “lançou-se a também a mascatear em Minas Novas, mas saiu-se mal”; então resolveu “sentar praça na cavalaria” e chegou até a ter sorte, porque ocorreram guerras no sul e, graças a elas, “conseguiu ser promovido a alferes”. Mas o sucesso era uma ilusão, porque ele “de alferes não passou”. E a lista não pára aí: “pretendeu votar-se à mineração; mas saiu-se de novo mal”. E quando já atingia os quarenta anos, ao invés de alcançar a serenidade e a prudência próprias da maturidade, encontrando-se no Rio de Janeiro: “aí travou conhecimento do dito Dr. Maciel, quando regressava da Europa, e dele recebeu as primeiras inspirações para se lançar, com afinco na nova empresa, de que viria a ser a vítima principal”. Tiradentes, um

³ Varnhagen fazia aqui referência ao modo como os ofícios ligados “ao sangue” foram entendidos como ofícios sujos e desonrosos para quem os exercia, até pelo menos os finais do século XVIII. O próprio comentário de Varnhagen de que na época de Tiradentes eram vistos desse modo, denuncia uma mudança cultural (MACHADO, 1978: 17-148).

derrotado ao longo de sua vida, só poderia terminá-la com o coroamento de seu fracasso – cavando a própria morte (VARNHAGEN, 1978: 312-313, v. 2).

Amplificando ainda mais sua caracterização, lança mão da descrição física do biografado.⁴ Ao descrever o tipo físico de Tiradentes e afirmar ter sido ele feio e antipático, Varnhagen empregava um lugar-comum do gênero epidítico: o caráter do personagem e até mesmo seu destino estavam inscritos em sua própria fisionomia: “Cumprir acrescentar que para alguns dos malogros do mesmo alferes em suas pretensões, além da circunstância de ser tiradentes, devia também contribuir o seu físico. – Era bastante alto e muito espadaúdo, de figura antipática, e feio e espantado” (VARNHAGEN, 1978: 313, v. 2).

Na primeira edição da *HGB*, a conjuração mineira foi descrita como um movimento de homens letrados. Mas na segunda versão, a conjuração se transforma “em planos aéreos” do Tiradentes. Varnhagen agora até mesmo duvida que se tratara de uma verdadeira conspiração:

Pelo que respeita à sua heróica empresa, não a denominaremos ‘conjuração’. Custa-nos até o dar-lhe o nome de conspiração; embora concedamos que fosse ele um verdadeiro conspirador. Não houve, porém, ‘conjurados’ ou conspiradores ajuramentados em regra; não foi a resolução precedida de conciliábulos tenebrosos, conluiados em forma: as reuniões faziam-se quase a portas e janelas abertas, sendo apenas o assunto, que servia nelas de tema, conversação reservada, interrompida com a entrada de qualquer profano, que vinha de visita.
(VARNHAGEN, 1978: 313, v. 2)

Na seqüência do trecho, ele empregou mais duas vezes a palavra “conluio” para se referir à conjuração, como se pretendendo reforçar a idéia de que tudo aquilo não passara de “atrevidimento, leviandade e audácia inaudita” do desonrado tirador de dentes. E se Tiradentes foi “um verdadeiro conspirador”, Varnhagen colocava em suspeição a existência de uma conspiração. Ele admitia que houve conversa, em casa de Freire de Andrade, e que em um único encontro se teve a aparência de um “conventículo, ou conluio”. Uma única reunião que ao ser narrada pelo autor somente lhe servia de estratégia para adubar a semente da dúvida com relação à existência efetiva de desejo de conspirar.

Mas, repetimo-lo, tudo isto não passou de conversação hipotética: não houve decididas resoluções, a que se devesse começar a dar cumprimento. Nem sequer se

⁴ Quintiliano considerava ser digno destacar “les avantages physiques” do homem elogiado o que, contudo, não deveria ser feito de forma uniforme. Afinal, conforme advertia, se um defeito físico era uma desvantagem à primeira vista, ele contribuiria para aumentar a admiração pelo herói, desde que se soubesse bem explorá-lo a seu favor. No caso da construção de vitupérios, Quintiliano recomendava que se empregassem os mesmos recursos, com objetivos contrários (QUINTILIEN, 1954: 375-377, vol. I, livro III). Segundo Adolfo Hansen, as convenções estilísticas para a composição dos discursos epidíticos estabeleciam, desde Aristóteles, que os critérios “para o louvor ou vituperação baseavam-se” nos pares de oposição bom/belo e mau/feio, que se constituíam em *topoi* próprios deste gênero. (HANSEN, 1994: 38, 109)

assentou em quem deveria ser o chefe. De todos o que tomou o negócio mais a sério, constituindo-se verdadeiro cabeça de motim, foi ainda o Tiradentes, que já não pensava em outra coisa (...). Os demais (...) pareceram antes, pouco depois, arrependidos de se haverem deixado levar tanto adiante. Quase todos trataram sem demora de se ausentar de Vila Rica (...).(VARNHAGEN, 1978: 314, v. 2)

Tiradentes é deixado sozinho no cenário. E foi sozinho, inclusive pedindo dinheiro emprestado e endividando-se – o que reforçava a imagem de ser um homem imprevidente –, que “resolveu seguir para o Rio de Janeiro”; e, sempre agindo de forma indiscreta, imprudente, inconveniente e perseverante em direção ao erro, buscava “partido em favor da independência da pátria”. Tornar-se-ia culpado por sua própria sorte. E talvez ele fosse também culpado pela sorte dos outros: Varnhagen insinuava que fora a imprudência de Tiradentes que terminara por levar os demais à condenação: “Infeliz! Não tinha obtido mais do que conseguir fazer, livre de algemas, até o sítio do seu martírio, a jornada que os demais companheiros, menos culpados e até inocentes, haviam de fazer, pouco depois, acorrentados” (VARNHAGEN, 1978: 314, v. 2.).

Mas era preciso que tudo isso tivesse um final. Tiradentes, possuído “pelas idéias que o abrasavam”, era um homem perdido, e somente Deus poderia salvá-lo: “Alvarenga, Maciel e Vidal Barbosa revelaram quanto sabiam, e o mesmo fez religiosamente o ‘Tiradentes’ (depois de haver tudo negado a princípio) quando se persuadiu, devoto como era, que estava de Deus que tudo ficasse sabido” (VARNHAGEN, 1978: 319, v. 2).

O conjurado mineiro era um homem cuja fraqueza se revelava ao leitor até nos últimos momentos; era um covarde que tinha dificuldades em assumir seus atos. Porém, uma qualidade ele possuía: era “mui devoto do mistério da Santíssima Trindade”.⁵ E sua fé foi sua salvação por livrá-lo do mal que dele se apossara; como réu-confesso, transformava-se na principal testemunha para os que pretendessem narrar a verdade histórica.

O historiador Varnhagen, nesse momento, abandona a alcunha “tiradentes” e recupera o nome e a titulação do homem: “O alferes Silva Xavier”. Abjurado o mal pela confissão, o Tiradentes retomava sua integridade humana. Porém, a confissão não implicava a remissão dos pecados e o alferes seria condenado por decisão dos próprios contemporâneos: “julgando os juízes necessário para o escarmento público algum exemplo, votaram para que fosse ao patíbulo, cumprindo-se inteiramente, a seu respeito, a dura e cruel sentença” (VARNHAGEN, 1978: 320, v. 2). Essa frase da condenação foi modificada por Varnhagen para a segunda edição da *HGB*; dela ele retirou as desvirtudes de ser Tiradentes

⁵ VARNHAGEN, 1978 (1877), v. 2, p. 313.

“insignificante e indiscreto”..⁶ E, realmente, no texto de Varnhagen, o alferes que caminhava para a execução era um homem redimido.

Do alferes Silva Xavier sabemos que ouvira a sentença com toda a serenidade; e que, com a maior abnegação de si, chegou a dizer quanto estima vir a pagar as culpas daqueles que ele havia comprometido. Por essa forma ele se adiantou a aceitar para si a responsabilidade desta nobre tentativa e as glórias do martírio que hoje lhe confere a posteridade.

O dia 21 de abril veio a ser o designado para o do seu suplício no Rio de Janeiro. (...) Ao pedir o carrasco perdão ao réu, quando lhe vestia a alva, exclamou ele: ‘Oh meu amigo! Deixe-me beijar-lhe as mãos e os pés: também o nosso Redentor morreu por nós’. Marchou depois sereno ao suplício, pediu por três vezes ao carrasco que abreviasse a execução, e com os olhos pregados no Crucifixo, subiu ao patíbulo... (VARNHAGEN, 1978: 321, v. 2)

Pela primeira vez, Silva Xavier parecia ter virtudes: sereno, abnegado, comprometido, responsável, humilde e temente a Deus. Poderia ser um herói, desde que o autor novamente não semeasse no espírito do leitor uma suspeita: não estaria o alferes agindo dessa forma por desejar “as glórias do martírio”? Glórias eternas que, de outra maneira, certamente ele não alcançaria. Varnhagen insiste e repete a frase que já aparecera na primeira edição da *HGB*: “o martírio do patíbulo conferiu ao alferes Silva Xavier, apesar de ‘pobre, sem respeito e louco’, como dele diz Gonzaga, a glória toda de semelhante aspiração prematura em favor da independência do Brasil” (VARNHAGEN, 1978: 322, v. 2). É certo que Varnhagen eliminou dessa frase, para a segunda versão do capítulo, o trecho: “meritos que elle não tinha”. Mas se tivesse insistido tão explicitamente em desvirtuar seu biografado, não correria o risco de antipatizar seu leitor para com a tese defendida? Seria mesmo preciso repetir que Tiradentes fora um homem “sem mérito”? Não correria aqui o autor o risco de ser visto como menos digno de confiança por mostrar-se menos escrupuloso e prudente em sua exposição? Agora era o momento, no texto, de recuperar e insistir apenas na idéia de que a glória de Tiradentes não fora resultado de suas ações ou produções, mas simplesmente do martírio que sofreu, por ser até mesmo “louco”.

Varnhagen, diferentemente do que pode parecer, não mudou sua avaliação sobre Tiradentes; mudou aquela que tinha sobre a conspiração. Na primeira edição da *HGB*, denominava o movimento de “primeira conjuração em favor da independencia do Brasil” (VARNHAGEN, 1857: 269); na segunda edição, passou a nomeá-lo de “conluio” e de “primeira tentativa em favor da independência em Minas” (VARNHAGEN, 1978: 306, v. 2). A modificação é sutil, mas o ator histórico era agora outro e dele se poderiam esperar apenas ações imprudentes e fracassadas. No título dado ao capítulo encontra-se explícita a desastrosa

⁶ José Honório Rodrigues afirmava ser tal modificação uma prova de que o autor melhorara “o tratamento de Tiradentes” (RODRIGUES, 1988: 15).

consequência a que a vitória do movimento conduziria: pretendia-se a separação de Minas do Brasil e de Portugal, o que poderia ter conduzido, caso o movimento fosse vitorioso, ao esfacelamento do território nacional.

Varnhagen fez uso de antigas lições para compor a biografia analisada. Ao mesmo tempo, confiava que fora capaz de demonstrar a seu leitor que não fizera mais do que “juntar os fatos” e deles apurar a verdade; confiava, sobretudo, que fora capaz de executar o discurso adequando o conteúdo à forma. E tanto mais destro e eficaz seria o orador, quanto mais conseguisse não revelar sua arte. As modificações realizadas no capítulo da *HGB* em questão, se resultado do conhecimento que Varnhagen passara a ter dos *Autos de devassa*, eram também o resultado de um aprimoramento da utilização de regras de composição empregadas segundo seus objetivos. O confronto entre as duas edições mostra que Varnhagen esmerou-se no uso de tópicos do gênero biográfico.

Referências bibliográficas:

BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, Jean e alli. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-232.

HANSEN, João Adolfo. *Retórica*. Seminário na UERJ, maio de 1994. (cópia xerograda)

QUINTILIANO, M. Fábio. *Instituições Oratórias*. Trad. Jerônimo Soares Barbosa. São Paulo: Edições Cultura, 1944. 2 vols.

QUINTILIEN. *Institution oratoire*. Trad. Henri Bornecque. Paris: Éditions Ganier Frères, 1954. 4 vols.

RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988. vol. II, tomo 1º. p. 1-31.

VARNHAGEN, F. A. Secção XLII – Primeira conjuração em favor da independência do Brazil. In: VARNHAGEN, F. A. *História Geral do Brazil: do seu descobrimento, colonização, legislação (...)*. Madrid: Impr. de J. del Rio, 1857. Tomo II. p. 269-281.

VARNHAGEN, F. A. *História geral do Brasil*. 9ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978. 3 vols, 5 tomos.